

# OS COMPOSITORES

DATA: 23 /11/97

## TEXTO:

Falamos no domingo passado da complexa personalidade de Brahms, ainda debatida entre musicólogos alemães e estudiosos de outras proveniências. Os alemães querem ver nele uma espécie de síntese da grande tradição musical da Alemanha, desde os organistas pré-bachianos e desde o próprio Bach até Beethoven, esquecendo talvez o que há nele de aculturação vienense, muito mais presente do que em Beethoven, a partir do amor pela valsa, bem sugerido pela presença de Johann Strauss , e do interesse pela música húngara e cigana, que se expressa nas rapsódias húngaras e nos cantos ciganos. Assim os alemães gostam





também de aproximá-lo da tragicidade severa de seu grande dramaturgo Hebbel e da resignação elegíaca de Theodor Storn.

Os outros preferem ver nele aquela espécie de memorialista musical próximo da prosa de Marcel Proust.

De fato a memória parece ser a tônica da criatividade brahmsiana, rica de divagações muito bem conectadas através de pormenores e surpreendentes, assim como Proust afirma de si mesmo lembrando tudo o que ocorre à sua memória pela lembrança de umas migalhas de torta madeleine.

De qualquer maneira, a música de Brahms parece fugir ao rigor lógico que dominou o pensamento humano entre Kant e Beethoven.

Por isto, já dissemos que os franceses, sempre presos ao espírito da clarté cartesiana e do positivismo Comtiano, demoraram longamente para aceitar e



entender Brahms.

É interessante relevar como Vincent d'Indy, autor do maior tratado , até hoje, de composição, passa por cima de Brahms com poucas linhas louvando a sua criatividade melódica, mas deplorando que lhe falte justamente a lógica tonal beethoviniana. Mas d'Indy enxerga a música "sub specie Beethovinis".

Mais pertinente talvez a definição de Capri que afirma : "Com Brahms a sonata ( o que inclui também todos os gêneros da música de câmara e sinfônica) cessa de ser um drama para tornar-se antes um longo monólogo lírico e confidencial.

Mais pertinente ainda a definição de Schumann, o qual , numa carta a Clara, escreve : "E Johannes onde está? Voa nas alturas ou se esconde entre as flores?"

Domingo passado tocamos dois movimentos da primeira sinfonia, que



ainda conserva alguns rasgos de nostalgias beethovenianas além de uma proposital citação temática. Vamos ouvir agora o primeiro e o terceiro movimento da segunda sinfonia , bastante diferente, menos impressionante talvez mas mais verdadeiramente brahmsiana.

Ela foi composta em Pörtschak, uma maravilhosa estação climática austríaca no Wörtersee, entre Klagenfurt e Villach, perto da fronteira italiana. Lá Brahms amava recolher-se em solidão, embevecido com a natureza do lugar.

Alguém disse que esta sinfonia parece escrita para dois jovens esposos, tal o seu frescor e a singeleza da sua comunicação.

Observem como no primeiro movimento a primeira idéia seja anunciada pelo timbre evocativo das trompas, quase uma moldura de natureza, enquanto a segunda idéia ,



admiravelmente cantante, é confiada às cordas graves, com um genial toque de instrumentação, que coloca violas e violoncelos em terças e sextas, quase à maneira de uma canção, sendo que os violoncelos são colocados acima das violas.

O terceiro movimento tem um amável ritmo de valsa e também um sabor de canção popular pela presença emergente do oboé.

MÚSICA:

Sinfonia número 2 opus 73

Orquestra Filarmônica de Viena

Regente Wolfgang Sabalisch.

Disco número 1- CD número 2, faixas 1 e 3.

Duração 19'49"

Da terceira sinfonia, em sua totalidade e sobremaneira no primeiro movimento, de conteúdo mais dramático, vamos ouvir o conhecidíssimo terceiro movimento.



É sempre aquele allegretto em que lembranças suavemente tristes se mesclam com o esboço de um sorriso, deixando-nos aquela sensação de gentil angústia e de filosófica dúvida que Mozart assinaria muito mais facilmente do que Beethoven.

O lindíssimo tema é confiado à trompa e é um dos mais belos solos orquestrais desse instrumento em todo o repertório sinfônico.

MÚSICA:

Sinfonia número 3 opus

Terceiro movimento

Orquestra Filarmônica de Viena

Regente Wolfgang Savallisch

Disco número 1- CD número 1- faixa  
7

Duração 5'52"

Brahms, como pianista não poderia fugir à tentação de escrever concertos para o seu próprio instrumento; mas são apenas dois separados por uma grande distância de tempo.



Já acenamos ao fato de que o primeiro concerto opus 15 é ainda obra juvenil e faz parte daquelas primeiras tentativas orquestrais as quais fizeram com que Brahms não se julgasse ainda pronto para enfrentar a orquestra. E é interessante verificar a grande evolução que se passou entre os dois concertos, apesar do inegável fascínio do primeiro. Desse concerto em ré menor , opus 15 vamos ouvir o primeiro movimento.

#### MÚSICA:

Concerto número 1 para piano e orquestra, opus 15.

Orquestra sinfônica da rádio bávara

Regente Colin Davis

Pianista Gerhard Oppitz

Disco número 2 faixa 1

Duração 23'23"

Um primeiro tempo de concerto com vinte e três minutos de duração é um belo exemplo da famosa divina prolixidade germânica: prolixidade,



mas divina.

Já disse noutras oportunidades que prefiro apenas oferecer amostras parciais, às vezes, de grandes obras porque julgo difícil uma prolongada concentração da atenção numa audição que prescindida da presença viva da música e de seus intérpretes, e portanto daquela participação que é estímulo e potenciamento do gozo estético.

Mas hoje vou fazer uma exceção e vou impor aos ouvintes a audição integral do segundo concerto para piano e orquestra em si bemol, opus 83, por ser ele, creio, uma espécie de auge de todo o repertório desse gênero, por conter, mais do que as sinfonias ou o requiem a totalidade da personalidade brahmsiana em todas as suas facetas, do drama à elegia, da memória à fantasia, da natureza ao homem.

Estamos já num período em que



dizem os cronistas, Brahms adora passar longas horas olhando pela janela o cair da chuva e ouvindo o seu rítmico ruído.

Aqui também a primeira voz que se ouve é a voz da trompa. Mas depois a intensidade contrapuntística num movimento das partes internas, a densidade orquestral, a estrutura arquitetônica, a vitalidade do diálogo ( veja-se principalmente o diálogo entre piano e violoncelo no andamento expressivo), fazem com que esse concerto mais possa ser definido sinfonia com piano concertante.

Observe-se também a inovação estrutural freqüentemente empregada por Brahms colocando o scherzso no segundo movimento e o adágio no terceiro, ao contrário da tradicional colocação do adágio no segundo e do scherzso no terceiro.

O concerto foi estreado com o próprio



Brahms no piano.

MÚSICA:

Concerto para piano e orquestra  
número 2, opus 83.

Orquestra sinfônica de Chicago

Regente Fritz Reiner

Pianista Van Cliburn

Disco número 3- faixas 1,2,3,4.

Duração 47'30"

Como disse na semana passada,  
termino a transmissão com uma  
amostra de produção musical mineira.

Hoje enfoco a interessante  
personalidade do carioca Ernesto  
Nazaré através de um CD produzido  
pela firma mineira Karin, sendo  
intérprete a pianista Tânia Mara  
Lopes Cançado, docente e já diretora  
da Escola de Música da Universidade  
Federal de Minas Gerais. Por essa  
gravação, no ano passado, Tânia Mara  
ganhou o Prêmio Sharp.

Ernesto Nazaré é uma original e  
interessante figura de compositor a



meio caminho entre a música popular e a música erudita, ou melhor, dando roupagem erudita a uma inspiração popular com base no chorinho. Além do que ele é um retrato vivo de certo mundo carioca da música na primeira metade do século.

MÚSICA:

Tributo a Ernesto Nazaré

Pianista Tânia Mara Lopes Cançado

Disco número 4 “ad libitum”



# REVISÃO

## CONSULTORIA LINGÜÍSTICA

Além no âmbito erudito, a música erudita e a música popular com base no chorinho. Além do que ele é um tratado vivo de certo mundo carioca da música na primeira

metade do século

MÚSICA

Tributo a Ernesto Nazareth

Pianista Tânia Mara Lopes Cardoso

Disco número 4 "ad libitum"